

DESDOBRAMENTOS BIOPSISSOCIAIS POSITIVOS E NEGATIVOS DO USO DO APLICATIVO INSTAGRAM NO PROCESSO DE VALIDAÇÃO SOCIAL FEMININA

POSITIVE AND NEGATIVE BIOPSYCHOSOCIAL IMPLICATIONS OF INSTAGRAM USE IN THE FEMALE SOCIAL VALIDATION PROCESS

DESDOBLAMIENTOS BIOPSISSOCIALES POSITIVOS Y NEGATIVOS DEL USO DE LA APLICACIÓN INSTAGRAM EN EL PROCESO DE VALIDACIÓN SOCIAL FEMENINA

Anisio Miranda Santos¹
Bárbara Couto de Souza²
Davi Coutinho de Souza Aleixo³
Luiz Carlos Antônio da Silva⁴
Renato Marcelo Resgala Junior⁵

RESUMO: O presente artigo discorre sobre o uso das redes sociais como uma ferramenta teoricamente positiva no processo de validação social feminina, onde pessoas inseridas nesse ciberespaço falam de suas experiências através das redes. De uma maneira bastante sutil, o texto também busca mostrar, numa visão holística, os desafios que estas pessoas enfrentam quando se deparam com críticas e exigências quanto à obrigação de se posicionarem nas redes para seus seguidores. Toca-se também no uso tendencioso e direcionado dos algoritmos estruturados da plataforma instagram que levam esses consumidores para uma bolha dos iguais, onde pensar diferente não faz parte dos planos, gerando assim uma modulação social sem precedentes, onde a liberdade é tolhida e as angústias ficam evidentes. Finalmente, traz-se os fatores positivos e negativos que essa tecnologia virtual é capaz de promover em seus usuários.

5397

Palavras-chave: Algoritmos. Modulação Social. Redes Sociais Digitais.

ABSTRACT: The present article discusses the use of social media as a theoretically positive tool in the process of social validation for women, where people in this cyberspace share their experiences through these networks. In a very subtle way, the text also seeks to show, from a holistic perspective, the challenges these individuals face when confronted with criticism and demands regarding the obligation to take a stance on social media for their followers. It also touches on the biased and targeted use of Instagram's structured algorithms, which lead these users into a bubble of like-minded individuals, where thinking differently is not part of the plan, thus creating an unprecedented social modulation, where freedom is curtailed, and anxieties become apparent. Finally, it presents the positive and negative factors that this virtual technology can bring to its users.

Keywords: Algorithms. Social Modulation. Digital Social Networks.

¹Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Redentor/Afya, com especialização em Neuropsicologia.

²Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Redentor/Afya.

³Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Redentor/Afya.

⁴Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Redentor/Afya.

⁵Docente no Centro Universitário Redentor/Afya, Itaperuna - RJ. Professor e Doutor em Sociologia Política - UENF.

RESUMEN: El presente artículo discute el uso de las redes sociales como una herramienta teóricamente positiva en el proceso de validación social femenina, donde personas en este ciberespacio comparten sus experiencias a través de estas redes. De manera muy sutil, el texto también busca mostrar, desde una perspectiva holística, los desafíos que enfrentan estas personas al enfrentarse a críticas y exigencias sobre la obligación de posicionarse en las redes para sus seguidores. También se aborda el uso sesgado y dirigido de los algoritmos estructurados de Instagram, que conducen a estos usuarios a una burbuja de personas con ideas similares, donde pensar de manera diferente no forma parte del plan, generando así una modulación social sin precedentes, en la que la libertad se ve restringida y las angustias se hacen evidentes. Finalmente, se presentan los factores positivos y negativos que esta tecnología virtual es capaz de promover en sus usuarios.

Palabras clave: Algoritmos. Modulación Social. Redes Sociales Digitales.

INTRODUÇÃO

Ao se falar de validação social feminina na contemporaneidade, a internet e as redes sociais digitais tornam-se ferramentas fundamentais para tal propósito. Nesse sentido, palavras-chave como algoritmo, internet, modulação social, personalidade e tecnologia, certamente balizarão este projeto, uma vez que a dinâmica desse empoderamento vem crescendo vertiginosamente, haja vista os movimentos feministas espalhados pelo mundo.

Diante dos muitos desafios enfrentados pelas mulheres no sentido de se afirmarem na sociedade, diversas possibilidades se apresentam para este avanço, dentre elas, o aplicativo Instagram, que segundo Xavier (2018) é uma rede social digital específica e segmentada que funciona a partir de uma dinâmica própria que avalia como os sujeitos – representados em perfis – se apresentam e se comportam.

Na busca por este espaço de pertencimento e validação social, viu-se no Instagram a ferramenta perfeita para acelerar esse processo de fortalecimento, uma vez que este aplicativo digital recebe 1,5 bilhão de curtidas diariamente e é 15 vezes mais interativo que o Facebook (Exame, 2018).

Se por um lado essa influente rede mostra para o mundo quão atuante, independentes e protagonistas se fazem as mulheres e os movimentos que elas representam, do mesmo modo entende-se ser importante ter uma visão holística e sutil de como se dão esses processos? Até que ponto esse engajamento de validação social, ou seja, o desejo de ser afirmada para o outro atravessa essas mulheres de forma biopsicossocial?

Ao se falar deste olhar sutil que tocam estas mulheres dentro do Instagram, buscar-se-á também lançar luz sobre como os algoritmos estruturados que dão sustentação a esse aplicativo

funcionam e direcionam as postagens, ou seja, será que os usuários expressam seus sentimentos de maneira livre ou são inconscientemente estimulados a seguirem uma modulação social que já está posta?

PROBLEMA

Numa visão biopsicossocial, de que forma o Instagram influencia no processo de validação social feminina de forma positiva e negativa?

HIPÓTESE

Acredita-se que, diante das inúmeras possibilidades que o Instagram proporciona para contribuir no processo de validação social feminina, estão: ferramentas conceituais, como ideologias proativas além de um alcance midiático sem precedente, mas, por outro lado que pode gerar modulação social, mudança de personalidade e alienação inconsciente, sustentadas por algoritmos tendenciosamente estruturados.

JUSTIFICATIVA

Entende-se que este estudo se justifica por buscar compreender de que forma as mulheres são atravessadas biopsicossocialmente no processo de validação social na contemporaneidade, onde a internet e as redes sociais digitais deram voz a esse público como nunca visto.

Do ponto de vista científico, tal procedimento, poderá suscitar um olhar mais crítico e eficiente, com uma abordagem na cognição.

Do ponto de vista acadêmico, poderá servir de base para orientar outras pesquisas de forma a ampliar o conceito e difundir o conhecimento.

OBJETIVOS

GERAL

Compreender as potencialidades da plataforma Instagram no processo de validação social feminina

ESPECÍFICOS

- a. Entender a relevância do Instagram no processo de validação social feminina na sociedade contemporânea;
- b. Mostrar que os algoritmos estruturados que sustentam o aplicativo Instagram podem levar os usuários, de forma consciente ou não, a uma modulação social alienada e tendenciosa;
- e
- c. Enfatizar as nuances que o Instagram pode proporcionar psicologicamente nos seus usuários.

METODOLOGIA

NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa a ser desenvolvida é de natureza qualitativa, baseada em revisão bibliográfica.

ABORDAGEM DO PROBLEMA

Da problemática da pesquisa, buscar-se-á suscitar discussão numa visão para além do processo tecnológico que envolve o aplicativo Instagram.

5400

DO PONTO DE VISTA DOS OBJETIVOS

No que diz respeito aos objetivos, procurar-se-á aprofundar minuciosamente em diversas possibilidades que podem ser geradas quando se fala da utilização da rede mundial de computadores e seus aplicativos (aqui o Instagram), uma vez que essa ferramenta de alcance mundial se propaga numa forma muito dinâmica e com inúmeras possibilidades, e, conseqüentemente gera resultados satisfatórios ou nem tanto. Castells (2003) afirma que, à medida que a internet se torna um meio essencial de comunicação e organização da sociedade - por possibilitar a difusão instantânea, autônoma e viral de informações e ideias, e assim proporcionar mais agilidade aos processos comunicativos - é natural que movimentos sociais e processos políticos também se apropriem desse instrumento para “atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar” (Castells, 2003, p. 114).

DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

A INTERNET E SEUS DESDOBRAMENTOS

Definitivamente a forma como surge a internet não traz boas recordações, uma vez que o gatilho para sua invenção foi nas artimanhas de uma guerra. De acordo com Giles (2010), numa estratégia cunhada pelo exército norte-americano no contexto da guerra fria, na década de 60, com o objetivo de descentralizar, proteger e dinamizar as informações, os militares propuseram conectar esse centro informacional a diversos pontos de redes computacionais pelo país, dificultado assim a destruição dessa inteligência num possível ataque nuclear dos inimigos.

Nesse contexto, surge em 1958, a primeira rede de computadores denominada *Advanced Research Projects Agency Network* (ARPANET), que segundo Castells (2003), foi capitaneada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos e mobilizou recursos de pesquisa envolvendo alguns centros universitários de computação pelo país.

Pode-se dizer que a internet se divide em quatro principais períodos históricos: década de 80, grandes computadores conectados por cabos ou redes telefônicas utilizadas especificamente para troca de informações; Na década de 90, com as conexões discadas, ela chega ao público em geral, mas timidamente restringindo-se a textos de *hiperlinks*; na terceira fase, no final da década de 90, surge a conexão de banda larga, possibilitando a interação de imagens, jogos, figuras, músicas e o surgimento das plataformas de interações como as redes sociais e as salas de bate-papo; no quarto e atual período, temos a internet definitivamente vinculada ao processo de existência do ser humano, onde os smartphones são parte do nosso corpo e das nossas relações sociais, onde o mundo virtual se entrelaça com o mundo real. Nesse sentido, Deleuze (1996), Lévy (1996) e Bergson (1957) utilizam a concepção de virtual como potência que existe sem estar presente, ou melhor, que existe sem ter presença física, mas definitivamente não físico, mas real.

Assim, é neste ciberespaço complexo e dinâmico que a sociedade foi e é atravessada nessas últimas décadas. Lévy (1999) define ciberespaço como "*espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores*" (p. 92).

Diante disso, apesar de a internet disponível para o público em geral ser uma "jovem adulta", todas as implicações que a cerca, fazem com que a rede mundial de computadores gere desencadeamentos sem precedentes na história contemporânea da humanidade, onde a

cibercultura em que estes usuários transitam, transforma-os e os levam a tomar decisões alicerçadas por esse ambiente.

Para Levy (1999), cibercultura (a cultura da internet) é: *“um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”* (p.17).

O ENGAJAMENTO FEMININO NO PROCESSO DE VALIDAÇÃO SOCIAL

Antes de caminhar nessa escalada ao processo de validação social das mulheres, independentemente do ambiente que as cercam, acredita-se ser relevante lançar luz sobre o recorte de uma pesquisa realizada em 2015 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), chamando à reflexão sobre as implicações que envolvem desconstruir um paradigma e um ideologia do censo comum que vem sustentada durante um longo período, por machismo e pré-conceito. Segundo esse instituto, a seguinte pergunta foi feita à sociedade brasileira naquele ano: “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”? E a resposta foi: 63% responderam que sim, por estar mostrando o corpo, mereciam ser atacadas ou estupradas.

Voltando agora no caminhar dessa validação, buscar-se-á fazer uma conexão nesse processo desde a Revolução Francesa em 1789, nas manifestações feministas onde as mulheres já buscavam direitos igualitários, como o direito ao voto, exercer uma profissão, instrução e outras competências que até àquele momento só cabia ao sexo oposto até os momentos atuais. Assim, Maria Elizabeth Carneiro ressalta.

Na *Vindication of the Rights of Woman* (Reedificação dos Direitos das Mulheres) em 1792, o feminismo liberal ganha expressão na legislação que defende igualdade de educação, salário e oportunidade para as mulheres. Também chamado de Feminismo científico, empirismo feminista ou feminismo da igualdade, foi princípio orientador da doutrina de ação que possibilita o ingresso das mulheres nas profissões, com base na discussão que procurou estender os “direitos do homem” às mulheres, conforme pressupostos do liberalismo. (CARNEIRO, 2015, p.244-254).

Segundo Monteserrant Barba (2016), o termo feminismo, surge lá no ano de 1872, quando Alexandre Dumas Filho escreve sobre adultério e questões de divórcio, e reforça esse entendimento trazendo a obra de 1980 de Simone de Beauvoir, que vai definir esse feminismo como um modo de vida individual e de luta coletiva das mulheres.

Ainda no sentido de feminismo, Chimmanda Ngozi Adichie (2013) elucida essa ideia como sendo visão ou movimento que acredita na igualdade social, política e econômicas dos sexos.

No Brasil, segundo Djamila Ribeiro (2014), a primeira onda feminista iniciou-se no século XIX, onde as mulheres lutavam pelo direito à vida pública e ao voto e, nesse contexto, no ano de 1922 nasce a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que sustentava a bandeira do fim da posse dos maridos sobre suas mulheres, onde elas só poderiam trabalhar com autorização dos cônjuges.

Ao se falar do direito ao voto feminino, surge entre os séculos XIX e XX o sufrágio, um forte movimento que se iniciou na Inglaterra e rapidamente se espalhou pelo mundo exigindo esse direito para as mulheres, dando um enorme passo histórico para a visibilidade delas como sujeito socialmente ativo. Assim define a escritora Maria Zina Gonçalves de Abreu.

As sufragistas argumentavam que as vidas das mulheres não melhorariam até que os políticos tivessem de prestar contas a um eleitorado feminino. Acreditavam que as muitas desigualdades legais, econômicas e educacionais com que se confrontavam jamais seriam corrigidas, enquanto não tivessem o direito de voto. A luta pelo direito de voto era, portanto, um meio para atingir um fim. (ABREU, 2002, p.460)

Num olhar progressista, mas não menos desafiador, Simone de Beauvoir, uma referência da luta pelos direitos das mulheres, faz menção a diferença biológica das mulheres, como a gravidez e a amamentação estão culturalmente associadas às funções inferiores, uma vez que elas eram criadas e educadas para serem passivas e amorosas para não perderem a feminilidade.

Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-las a estudar, a praticar esportes; mas perdoam-lhe mais que ao menino o fato de malograr; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade” (Beauvoir, 1980, p. 23).

Simone de Beauvoir, ao levantar um debate sobre gênero e as desigualdades entre eles, foi responsável por uma das quatro ondas feministas que balizaram o encorajamento dessas mulheres.

Sobre essas ondas, pode-se dizer que a primeira surge entre os séculos XVIII e XX tendo como protagonista os Estados Unidos e a Inglaterra, trazendo um debate sobre casamento, sufrágio e educação; a segunda onda desenrola-se entre os anos de 1960 e 1980, que lança um olhar sobre o trabalho formal, liberdade sexual e os direitos reprodutivos; na terceira onda, iniciada na década de 90 traz à tona a diversidade feminina, os aspectos de transexualidade e raça; já na quarta onda, a sociedade já consegue ter uma consciência feminista e os homens começam a defender ativamente a causa.

Isso posto, entende-se ser relevante citar que apesar de muitas pessoas entenderem o feminismo como uma oposição ou ódio ao sexo oposto, as feministas afirmam veementemente

que essa associação não faz sentido e que a proposta sempre foi a busca da igualdade profissional e de gênero, o fim da cultura do estupro e da violência sexual, como afirma em seu livro o coletivo, *Não me Kahlo*.

Quantas vezes precisamos explicar a alguém que o feminismo nada tem a ver com o ódio aos homens? Quantas vezes nos vemos obrigadas a debater mais do mesmo, nunca fugindo do óbvio, em vez de nos aprofundarmos nas discussões que nos são caras, devido à propagação de desinformação? E quantas vezes, mesmo diante de direitos já conquistados, temos que justificar a necessidade deles, além de com frequência vemos esses mesmos direitos serem ameaçados por legislações cada vez mais conversadoras? [...]. Logo porque sempre temos que recomeçar nossa discussão da estaca zero? (Coletivo Não Me Kahlo, 2015, p. 249-250).

O Coletivo Não me Kahlo, é o primeiro coletivo feminista dentro da faculdade de educação da Universidade de Brasília (UnB), um espaço de apoio e luta contra o machismo.

O APLICATIVO INSTAGRAM E SUA IMPORTÂNCIA NA DIVULGAÇÃO DA CAUSA FEMINISTA

Na busca pela afirmação e validação social, julgava-se importante tocar as pessoas para o engajamento da causa e fortalecimento dos valores e direitos feministas, logo, viu-se na rede social Instagram uma maneira de divulgar de forma dinâmica suas ideias e movimentos e ao mesmo tempo interagir com seguidores através de *likes* e comentários..

Criado em 2010 pelo brasileiro Michel Krieger e o americano Kevin Systrom, o Instagram se destaca pelo aumento no número de engajamento dos usuários, o qual os permite curtir e comentar publicações, enviar posts, seguir e ser seguido, além de novidades que surgem a cada atualização do aplicativo (Oliveira; Henrique, 2016).

Aproveitando o ganho de popularidade dessa rede social nesse ciberespaço, viu-se a partir daí uma explosão de publicações individuais ou coletivas, dando voz a todos que se acham no direito de postar, sem bloqueios e com liberdade, o que lhes convier, para serem curtidas, comentadas e compartilhadas.

PUBLICAÇÕES QUE GANHARAM VALIDAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DE LIKES

Sobre publicações de afirmação feminina no Instagram, pode-se facilmente apresentar, em vários setores da sociedade, exemplos de como essa rede social digital colabora na divulgação global de enfrentamento das mulheres por seus direitos, o que em outros tempos era inimaginável.

NA EDUCAÇÃO

Tem-se na educação, exemplo de um forte engajamento feminista, representada pela paquistanesa Malala Yousafzia diante do desafio enfrentado pela jovem de 15 anos por não desistir de estudar, confrontado o regime Talibã, que proibia o aprendizado escolar para as mulheres (Viviana, Mazza. 2013).

Malala, ao completar 21 anos, criou sua própria conta no Instagram (@malala), e, em menos de duas horas já tinha 20 mil seguidores. Hoje o perfil da Nobel da Paz é de 2,3 milhões de seguidores. (O Globo, 2018).

NA SAÚDE

Sarah Catherine Gilbert, cientista e professora da Universidade de Oxford que coliderou o projeto de criação da Oxford e AstraZeneca contra a Covid-19, estava assistindo um jogo de tênis em Wimbledon e ao ser percebida e anunciada como tal pelo locutor do evento, o jogo foi interrompido e a cientista foi aplaudida de pé por todos que estavam no estádio (O Tempo, 2021). O vídeo viralizou nas redes sociais e o colunista da Band Nathan

Lilja (@nanarude), que tem 2,2 milhões de seguidores, republicou o vídeo da BBC e rapidamente recebeu 586 mil visualizações além dos compartilhamentos de seus seguidores (INSTAGRAM/@NANARUDE, 2021).

5405

NA CULTURA

Ativa nas redes sociais, a cantora Anitta abarca em sua plataforma Instagram 63,2 milhões de seguidores e seus posicionamentos geram tendências, comentários e discussões que perpassam e influenciam diversos públicos (INSTAGRAM/@ANITTA, 2022). No caso envolvendo o assassinato da vereadora Marielle Franco no Rio de Janeiro, após ser cobrada a se posicionar, a cantora se manifestou: “muita paciência para aturar o ódio gratuito dos internautas” e continua “Se ela não fosse feminista como eu, também teria meus sentimentos. De esquerda, direita, hétero, gay, pecador, religioso, o que for... Ninguém merece morrer”. (Estadão, 2018).

O INSTAGRAM E OS ALGORITMOS ESTRUTURADOS QUE DIRECIONAM SEUS USUÁRIOS

Algoritmos estruturados, um termo pouco usual, mas que sustenta e direcionam os processos que permeiam as redes sociais digitais. De acordo com Gillispie (2013) e Just & Latzer (2016), essa sequência lógica finita e definitiva, é vista como elemento estrutural balizar na dinâmica do ecossistema digital e que mapeia a todo tempo o alcance da sua influência.

Os algoritmos que balizam o Instagram e outras plataformas digitais estão para muito além de uma mera função organizacional, e requer uma análise mais profunda de como essa estrutura direcionada acaba influenciando o comportamento social, interferindo fortemente nos diversos campos sem a menor cerimônia, na compreensão de que “vivenciamos um processo civilizatório o qual, cada vez mais, se volta à maximização dos lucros em detrimento da equidade social” (Civiero, 2021), e numa sociedade capitalista essa postura se torna ainda mais forte.

Nas entrelinhas desse mapeamento, acredita-se poder deduzir que os comandos oferecidos aos usuários, talvez não sejam o que geralmente eles pensam ou querem, mas que de fato são filtrados para uma bolha do censo comum do momento, causando assim um enquadramento social.

A bolha dos filtros traz três novas dinâmicas com as quais nunca havíamos lidado até então: Primeiro, estamos sozinhos na bolha. [...] Segundo, a bolha dos filtros é invisível. [...] Por fim, nós não optamos por entrar na bolha. (Pariser, 2012, p. 11)

Assim, essa bolha das próprias visões, opiniões, gostos e vivências do próprio mundo acabam condicionando as pessoas, conscientemente ou não, por vezes travando o crescimento pessoal e a tirando a oportunidade de experimentar o que é diferente.

Nessa mesma linha de raciocínio sobre essa bolha algorítmica e enquadramento social, Arruda abrange essa visão para um olhar territorial:

[...] podemos analisar as bolhas algorítmicas como a formação de um território com códigos específicos que são compartilhados e ritualizados por aqueles que compartilham desse espaço de sentido. (...) A bolha algorítmica pode ser entendida como uma descodificação do meio cultural e social abrangente. (...), ou seja, há o desligamento de uma subjetividade coletiva para a ligação de uma subjetividade coletiva mais especializada, com códigos próprios e específicos. Isso acaba por produzir pequenos nichos de interesse, alterando a dinâmica do discurso de massa tal qual era efetuada pela televisão e pelo rádio. No entanto, isso não significa que há menos influência no consumo da informação hoje, mas quer dizer que as empresas de redes sociais ou outras plataformas que possibilitam o compartilhamento de informação são os atuais gatekeepers (Arruda, 2016, p. 4-5).

E no território de discussão sobre a afirmação social feminina que se encontra em voga na atualidade, mais facilmente os algoritmos conseguem direcionar o público interessado para que assuntos que toquem o tema viralizem na rede.

OS DESAFIOS PSICOLÓGICOS QUE ATRAVESSAM O PROCESSO DE VALIDAÇÃO SOCIAL

Quando se fala da busca por afirmação, em qualquer área que seja, batalhas são travadas de forma extrínseca e intrínseca. Entende-se que a segunda requer um olhar um pouco mais sutil e empático, por se tratar de um sentimento impossível de ser medido por outrem, que pode ser carregado de frustração e culpa. Ao estudar os atos obsessivos, Freud conclui:

Pode-se dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denominá-lo de sentimento *inconsciente* de culpa." (Freud, 1907/1969, p. 113)

Acredita-se que, a partir do momento em que se começam a seguir influências e tendências guiadas pela moda do momento, o pensamento crítico pode ficar em segundo plano e um vazio existencial ganha força para se estabelecer, levando o sujeito a questionar o sentido da vida em certas circunstâncias. Logo, “o sentimento de ausência do sentido da vida, designado como *frustração da vontade de sentido, não é necessariamente patológica, mas pode ser potencialmente patógeno*” (Frankl, 1992, p. 145).

Num olhar voltado para possíveis mudanças de personalidade e enquadramento social, Soraia Lima (2015), da Community Manager (ferramenta que monitora as redes sociais), pontua que as pessoas não gostam de sabores nas redes.

Nós não queremos ver muro de lamentações, o famoso mimimi, quando entramos nas redes sociais. Nós encaramos as mídias sociais como uma forma de entretenimento, e mesmo pessoas que postam fotos se mostrando lindas e maravilhosas, ela não estão se achando desse jeito na vida real. (Soraia, 2015. [S.l.]

Nesse processo de possível adoecimento mental, os psicólogos Pierre Weil, Jean-Yves Leloup e Roberto Crema escreverem o livro “Normose: A Patologia da normalidade” no ano de 2003, onde colocam de forma categórica que é difícil para o paciente perceber até que ponto seu comportamento está dentro da normalidade. Assim definem Normose:

O termo Normose, pode ser considerado como o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir aprovados por um consenso ou pela maioria de pessoas de uma determinada sociedade, que levam a sofrimentos, doenças e mortes. Em outras palavras: que são patogênicas ou letais, executadas sem que os seus autores e atores tenham consciência da natureza patológica. (Pierre Weil, et al 2003. pág. 22)

Diante disso, o sujeito como ser subjetivo e único, ao agir de modo alienado em suas postagens, pode transformar sua rede social digital num ambiente por vezes superficial e inócuo, se preocupando mais numa visibilidade externa do que com suas próprias convicções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, baseado nos comentários das próprias consumidoras alienados das redes sociais, percebe-se que o uso excessivo, a necessidade de validar-se para o outro, o desejo de empoderamento através desses canais, acabam por causar um vazio existencial sem precedentes e que esse vazio, por vezes, acompanhado da certeza de que estão vivendo uma vida que não lhes pertence, ou seja, uma vida onde as decisões e a liberdade são tolhidas por outrem. E isso ocorre quando se dão conta da perda do sentido de liberdade, pois como diz Sartre, “estamos condenados a ser livres”.

Positivamente, pode-se aferir que estamos imersos num mundo totalmente tecnológico e que é praticamente impossível sobreviver sem as redes sociais, tanto para eventos pessoais como para eventos profissionais. Dessa forma, com um uso responsável, pode-se aproveitar essa ferramenta como um bem precioso e satisfatório.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Zina, Gonçalves. Luta das Mulheres pelo Direito de Voto. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Ponto Delgada: Revista da Universidade dos Açores, 2ª série, VI, 2002.
- ARRUDA, M. Nova tropicália: uma desterritorialização da internet algorítmica. Artigo apresentado no GP Semiótica da Comunicação, **XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação**, São Paulo, 2016.
- BERGSON, H. (1957). **Écrits et paroles**. Paris, France: PUF.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.
- CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Feminismo-Feminismos. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHIPARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CIVIERO, P. A. G. **Gênese e desenvolvimento do conceito de equação civilizatória na sociedade contemporânea**. Relatório de Estágio Pós-Doutoral. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2021. Disponível em: <nepet.ufsc.br>. Acesso em: 05 nov. 2023.

DELEUZE, G. (1996). O atual e o virtual. In E. Alliez, **Filosofia virtual** (E. B. S. Rocha, trad., pp. 47-58). São Paulo, SP: Editora 34. Pesquisa do IPEA sobre violência doméstica: (2015). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=24610>. Acesso em: 10 out 2023

ESTADAO, 2018. Anitta critica 'ódio gratuito' de fãs por não opinar sobre caso de vereadora assassinada - E-mails - **Estadão** (estadao.com.br)

FRANKL, V. E. **Teoría y terapia de las neuroses**. Iniciación a la logoterapia y al análisis existencial. Tradução de Constantino Ruiz – Garrido. Barcelona: Herder, 1992.

FREUD, S. (1969). Atos obsessivos e práticas religiosas. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud** (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 109-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)

INSTAGRAN, 2021. Nana Rude no Instagram: “OVACIONADA: Sarah Gilbert, uma das criadoras da vacina de Oxford/AstraZeneca contra a Covid-19, foi fortemente aplaudida quando teve sua...”

_____, 2022. Anitta, 2022. (@anitta) • Fotos e vídeos do Instagram

LÉVY, P. (1996). **O que é o virtual** (P. Neves, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.

LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto; WEIL, Pierre. **Normose: a patologia da normalidade**. Campinas: Verus, 2003

MONTSERRANT, Barba. Qué es el feminismo. About en español, 2016.

LIMA, Soraia. Porque as pessoas são “mais felizes” do que você nas redes sociais? **R7.com**, 2015. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/por-que-as-pessoas-sao-sempre-mais-felizes-do-que-voce-nas-redes-sociais-22072015>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

LOBO, Hewdy. Internet vicia! Excesso pode casar doenças e depressão. **Terra.com**, 2015. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/uso-excessivo-da-internet-pode-causar-doencas-como-depressao,0689cdof280c3ec5d3d4d954174c7e4696ieRCRD.html>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

NÃO ME KAHLO, coletivo. #MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes. 1.ed. Rio de Janeiro: Edição de Janeiro, 2016.

O GLOBO, 2018. Malala cria conta no Instagram no dia em que completa 21 anos no Brasil - Jornal O Globo Malala cria conta no Instagram no dia em que completa 21 anos no Brasil - Jornal O Globo

O TEMPO, 2021. Cientista que criou vacina de Oxford é aplaudida de pé em Wimbledon: veja vídeo | O TEMPO. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/superfc/cientista-que-criou-vacina-de-oxford-e-aplaudida-de-pe-em-wimbledon-veja-video-1.2505746>>. Acesso em: 10 out 2023.

OLIVEIRA, S. A.; HENRIQUE, J. L. Índice de Maturidade das Mídias Sociais - Instrumento de Estratégia de Marketing de Relacionamento para as Pequenas e Médias Empresas. In: ENANPAD, 40., 2016, Costa do Sauípe (BA). Anais... Costa do Sauípe/ BA: ANPAD, 2016.

PARISER, E. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.